



MIES VAN DER ROHE, WALTER NETSCH E A CONTROVERSA MARQUISE: Uma narrativa desconhecida

Inventário e Documentação

Fellipe Decrescenzo Andrade Amaral

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - UFBA
f.decrescenzo@live.com

Resumo:

Este trabalho objetiva integrar uma narrativa que, de certa forma, ainda se faz ausente dos trabalhos e discussões acerca da historiografia da arquitetura, contribuindo também para o debate em torno das intervenções em arquiteturas contemporâneas. Para isto, o trabalho se propõe a analisar a concepção de Mies van der Rohe para o campus do Illinois Institute of Technology - IIT e a linguagem estabelecida para o conjunto, paradigmática para a época. Na sequência, busca compreender os motivos e desdobramentos da escolha de Walter Netsch como arquiteto responsável pela biblioteca, uma das principais obras não construídas de Mies, e principalmente as intervenções propostas durante a década de 1980, visando fazer reparos e remodelar a entrada, cuja marquise gerou grande polêmica, esquecida desde então nas páginas de jornais. Desta forma, o estudo foi realizado com base nas informações obtidas através de bibliografia especializada, entrevistas e, em grande parte, nos documentos, jornais e fotografias acessados no arquivo do IIT, em 2015, localizado na Paul V. Galvin Library. Por fim, ao elucidar os fatos, entendemos que a intervenção foi de fato equivocada, e que talvez, não fosse por um descuido administrativo, jamais tivesse sido realizada.

Palavras-chave: Mies van der Rohe, Walter Netsch, Biblioteca Paul V. Galvin, Instituto de Tecnologia de Illinois, Marquise.

Abstract:

This work aims to integrate a narrative that, in a way, is still absent from the works and discussions about the historiography of architecture, also contributing to the debate around the interventions in contemporary architectures. To this end, this paper proposes to analyze Mies van der Rohe's conception of the Illinois Institute of Technology - IIT campus and the established design language, paradigmatic for the time. In the sequence, it seeks to understand the motives and consequences of choosing Walter Netsch as architect responsible for the library, one of Mies' main non-built works, and mainly the interventions proposed during the 1980s, in order to repair and remodel the entrance, whose canopy generated great controversy, forgotten since then in the pages of newspapers. In this way, the study was carried out based on information obtained through specialized bibliography, interviews and, to a large extent, the documents, newspapers and photographs accessed in the IIT archive, in 2015, located in the Paul V. Galvin Library. Finally, in clarifying the facts, we understand that the intervention was indeed mistaken, and that perhaps, had it not been for an administrative fault, it would never have been carried out.

Keywords: Mies van der Rohe, Walter Netsch, Paul V. Galvin Library, Illinois Institute of Technology, Canopy.



MIES VAN DER ROHE, WALTER NETSCH E A CONTROVERSA MARQUISE: Uma narrativa desconhecida

A Revolução Industrial trouxe consigo mudanças em diversas esferas da sociedade, alterando as formas de relacionamento, comunicação e locomoção. Apesar de constantes momentos de crises e frustrações, o sentimento de modernidade tomou conta das populações dos grandes centros. Em 1859, Charles Dickens faz um interessante relato sobre o misto de sentimentos da época:

Era a melhor época de todas, e a pior de todas, era a época da sabedoria e da loucura, era a época da fé, era a época da incredulidade; era a estação das Luzes e a estação da Escuridão; era a Primavera da esperança e o Inverno do desespero; tínhamos tudo a nossa frente e nada a nossa frente; íamos diretamente em direção ao Céu, e em direção ao oposto do Céu; em suma, estava tão afastada da época atual que algumas das mais proeminentes autoridades mais insistiam em qualifica-la somente no superlativo, como boa ou má. (DICKENS apud BENEVOLO, 2016, p. 24, tradução nossa)

As mudanças e inovações nas técnicas construtivas permitiram que também se alterassem as formas de se construir, a partir da introdução de novos materiais, de novas técnicas, da racionalização da construção. Ao pisar em solo americano, em 1938, Ludwig Mies van der Rohe levava na bagagem uma carreira consolidada, com importantes edificações erigidas no continente europeu, e ideias de modernidade que, naquele momento, já haviam se espalhado pelo mundo. Benevolo (2016) destaca que, já a partir de 1927, pode-se notar uma coerência na produção e uma ligação comum entre os trabalhos de pessoas de diversos países. Neste período, os Estados Unidos se recuperavam da crise trazida pela Grande Depressão de 1929, o mercado da construção civil voltava se aquecer, e importantes personagens europeus transferiram-se para o país nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial, estabelecendo-se nos corpos docentes de universidades, como Walter Gropius e o próprio Mies, e influenciando as seguintes gerações de jovens arquitetos:

Sobre essa nova realidade, encaixa-se, a partir de 1933, a contribuição dos mestres europeus chamados a ensinar nas universidades americanas; agindo sobre as novas gerações de profissionais no próprio ato da formação destes, aqueles que lhes transmitem, não só o exemplo de um novo repertório formal, mas um patrimônio de métodos e ideias, e exercem uma ação decisiva na cultura americana, mesmo que nem sempre imediatamente perceptível, pois as novas formas de fato não se assemelham às europeias. (BENEVOLO, 2016, p. 614)

Com a liberdade criativa designada e o desejo de modernidade dos administradores, Mies buscou materializar a sua filosofia nos edifícios da instituição que o acolheu. Dizem que para agir sobre o presente é necessário conhecer o passado. Assim, o projeto do campus do *Illinois Institute of Technology* - IIT pode servir de base tanto para a compreensão da produção 'miesiana' das décadas seguintes, quanto da produção arquitetônica evidenciada em Chicago, e que logo se espalharia para outras grandes cidades do país. Kenneth Frampton aponta, por



exemplo, que “o detalhamento do *Alumni Hall* foi a formulação da linguagem que Mies logo usaria para a realização do 860 Lake Shore Drive” (FRAMPTON, 2007, p. 233).

Conhecido por suas grandes realizações, Mies não pôde ver dois dos seus projetos mais arrojados saírem do papel – a biblioteca do IIT e o *National Theater* em Mannheim. O arquiteto escolhido para enfim projetar a nova biblioteca, Walter Netsch, conhecido por uma arquitetura de texturas mais ásperas diante dos traços delicados de Mies, optou por tentar interligar um pouco da própria referencialidade com os atributos já estabelecidos pelo alemão no campus. Constante alvo de críticas, principalmente em seus anos iniciais, o edifício se consolidou em seu respectivo contexto, apesar de nunca ter assumido ou reivindicado qualquer protagonismo.

A complexidade e a vasta gama de caminhos possíveis para se atuar sobre a obra de outrem, tem gerado inúmeros debates, reverberados nas teorias do restauro, principalmente na Itália. Contudo, o distanciamento alcançado com as obras modernistas foi responsável por inserir, nestas discussões, novas particularidades. Simona Salvo critica avidamente a tendência dos norte-americanos em priorizar os aspectos econômicos e pragmáticos no campo da conservação, e aponta que:

A intervenção na arquitetura contemporânea representa, talvez, a expressão mais significativa das modalidades com as quais hoje nos relacionamos com o passado; significa, com efeito, uma espécie de marco significativo do papel que o restauro ocupa na sociedade e na cultura contemporânea e da relação que esta última instaura com os valores espirituais e memoriais. (SALVO, 2008, p. 210)

Ainda sem um distanciamento considerável da construção da biblioteca, pouco mais de vinte anos, o arquiteto responsável pelas adequações solicitadas resolveu inserir um novo elemento na fachada, modificando as relações de percepção e de entrada. Por conta da sua excentricidade, a história da nova marquise foi deveras curta. Assim, este trabalho visa compor uma narrativa acerca deste fato ainda um pouco desconhecido e ausente da historiografia da arquitetura.

Mies e o campus do IIT

Com o cerco cada vez mais fechado sobre a Bauhaus, a transferência para Berlim¹, mesmo agora sob a tutela de Mies van der Rohe, era o prenúncio de que a luta pela sobrevivência da escola estava chegando ao fim. Pouco tempo depois de a instituição ser oficialmente fechada, em 1933, e a situação política da Alemanha se tornar ainda mais conturbada, do outro lado do mundo, em Chicago, a fusão de duas instituições educacionais mudou a história da cidade e, porque não, do país, para sempre.

Ao final da década de 1930, o *Armour Institute of Technology* - AIT e o *Lewis Institute* decidiram unir forças para superar a crise trazida pela Grande Depressão, prosseguindo assim com a missão em comum de capacitar jovens. A fusão foi finalizada em 1940, e a nova instituição assumiu o nome de *Illinois Institute of Technology* - IIT, mas a decisão responsável

¹ Durante o período em que esteve ativa, a Bauhaus funcionou em três sedes na Alemanha: em Weimar, entre 1919-1926; em Dessau, entre 1926-1932; em um armazém antigo nos arredores de Berlim, entre 1932 e 1933, quando foi oficialmente fechada devido às pressões do regime nazista (FRAMPTON, 2007).



pelo seu sucesso foi tomada dois anos antes, quando Mies van der Rohe foi contratado para ser o diretor do departamento de arquitetura do AIT (SCHULZE, 2005).

Em 1938, Mies desembarca em Chicago e, já no ano seguinte, o AIT o solicita um projeto inovador para o novo campus. O projeto de Mies não foi o primeiro e nem o único a ser feito, outros projetos chegaram a ser realizados por diferentes arquitetos nesse período, mas foi o projeto do recém-chegado arquiteto alemão, após várias versões, o escolhido definitivamente para a construção.

Tanto o projeto da *Holabird & Root* quanto o de Alschuler mostraram a influência dos princípios das belas artes, enquanto a proposta de Mies estava muito mais perto da imagem de modernidade que Henry Heald, presidente do AIT entre 1938 e 1939 e presidente do IIT entre 1940 e 1952, imaginou para a universidade. (SCHULZE, 2005, p. 6, tradução nossa)

Os primeiros desenhos apresentados para o campus mostram uma forte relação de simetria entre os edifícios, que aos poucos deu lugar a uma disposição mais livre, articulando, no desenho final aprovado em 1941, esta relação simétrica apenas na área central do projeto, que até aquele momento ocupava duas grandes quadras entre as ruas 31 e 35 (Figura 1).

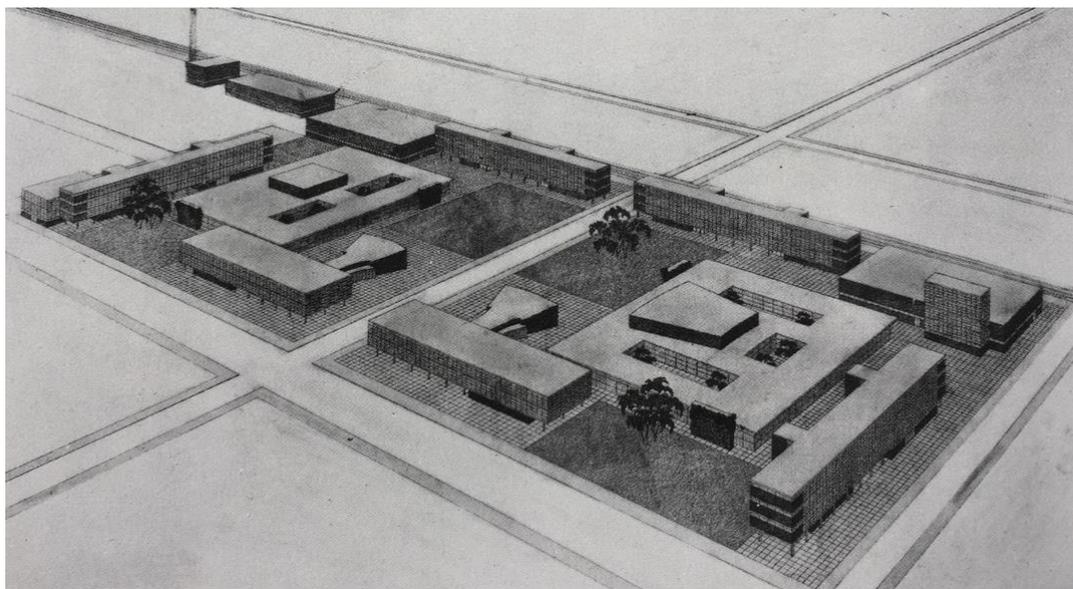


Figura 1: Um dos desenhos iniciais feitos por Mies para o projeto do novo campus.
Fonte: FRAMPTON, 2007, p. 232.

Todas as suas edificações possuíam uma forma prismática, mesclando estrutura metálica com vedações ora em tijolo e panos de vidro, ora somente em vidro. Como destaca Frampton (2007), entre as décadas de 1930 e 1950, o trabalho de Mies oscilava entre simetria e assimetria, e possuía um forte desejo de expressar, ao mesmo tempo, transparência e corporalidade, encontrando a resposta, pelo menos para esta última questão, no tratamento que deu ao vidro.

A dicotomia se revelou de forma mais sublime em sua atitude perante o vidro, o qual ele usou de tal forma a permiti-lo mudar, sob a luz, da aparência de uma superfície refletiva ao desaparecimento da superfície em pura transparência: por um lado, a aparição do nada, do outro, uma necessidade evidente de apoio. (FRAMPTON, 2007, p. 232, tradução nossa)



Em 1950, oito anos após o início da construção das primeiras edificações, dez edifícios já haviam surgido, sendo Mies o responsável pelo projeto de sete deles, mas o mais importante para este trabalho é justamente uma das principais edificações do projeto original de Mies que não saiu do papel. Schulze (2005) aponta que, caso tivesse sido construída, a biblioteca do IIT seria uma das realizações mais impressionantes da sua carreira. Seguindo a mesma linha e indo além, Frampton (2007) destaca que o projeto da biblioteca foi o prelúdio da fase mais tardia de sua carreira, cujo vão livre de vinte metros antecipou suas edificações térreas de vão livre feitas posteriormente, da qual entendemos que o edifício da faculdade de arquitetura do IIT, o *Crown Hall*, construído entre 1952 e 1956, tenha sido o maior expoente (Figura 2).



Figura 2: S. R. *Crown Hall*, edifício da faculdade de arquitetura do IIT.
Fonte: Fotografia do autor, 2015.

O legado de Mies influenciou toda uma geração de arquitetos e a prática arquitetônica da cidade, estando presente ainda hoje no ensino e na produção da escola. Contudo, as críticas a seus sucessores foram inevitáveis:

Enquanto a principal força da escola repousa na clareza de seus princípios, os seguidores de Mies, como eventos recentes sugerem, eram em grande parte incapazes de compreender a delicadeza da sua sensibilidade, esse sentimento pela proporção precisa de perfis que, por si só, garantiam seu domínio sobre a forma. (FRAMPTON, 2007, p. 237, tradução nossa)

Netsch e o campus da UIC

Fundada poucos anos antes da criação do IIT, a firma estadunidense *Skidmore, Owings and Merrill* - SOM se tornou rapidamente uma das maiores empresas de engenharia e arquitetura do país, sendo responsável nas décadas de 1960 e 1970, por exemplo, pela construção de importantes arranha-céus na cidade de Chicago, como a *Willis Tower* e o *John Hancock Center*.



Os primeiros edifícios da SOM no IIT surgiram em decorrência do crescente aumento no número de alunos após o fim da Segunda Guerra Mundial, levando assim à construção das residências universitárias *Farr e Fowler*, em 1948 (SCHULZE, 2005). Neste período, a maioria dos novos arquitetos contratados haviam se graduado pelo IIT, embebidos pela influência 'miesiana' em seus trabalhos, como Myron Goldsmith.

Visando suprir a carência de universidades públicas, a prefeitura de Chicago decide pela construção de uma nova universidade na cidade, nomeada de *University of Illinois at Chicago* - UIC. Em 1963, o arquiteto Walter Netsch, natural de Chicago e funcionário da firma SOM, conhecido por sua arquitetura brutalista, é contratado para fazer o projeto do campus, que abre oficialmente suas portas em 1965. A construção foi dividida em fases, de modo que pudesse entrar em funcionamento com seu tamanho inicial, e aos poucos expandisse para seu tamanho ideal. Netsch concebeu um sistema elevado de passarelas, erguendo a circulação e o movimento pelo campus, fazendo deste sistema um elemento estruturante, visual e funcionalmente.

Os edifícios foram agrupados por função, com as mais importantes ocupando o centro, utilizando os edifícios das extremidades como uma barreira acústica contra o movimento barulhento da via expressa adjacente à universidade. Granito, concreto e tijolo maciço foram utilizados repetidamente nos edifícios, possuindo em cada um deles configuração ou acabamentos diferentes. A partir da rotação de formas quadriláteras simples, Netsch concebeu engenhosos elementos geométricos e espaços bem integrados entre si.

A segunda e a terceira fase de construção do campus foram finalizadas respectivamente em 1968 e 1971, e a quarta e última fase foi cancelada em 1970. Durante as décadas seguintes, após caírem em desuso e carecerem de manutenção, a universidade decidiu por demolir as passarelas elevadas, o fórum circular e a grande praça central projetados por Netsch, sob o argumento de criar espaços verdes e um ambiente mais convidativo no campus. Em 1999, a demolição foi finalizada e alguns dos mais importantes elementos do projeto foram eliminados. Em entrevista a Betty J. Blum, em 1997, Netsch não escondeu sua insatisfação com o tratamento dispensado pela universidade e o descuido com a estrutura:

(...) A manutenção na universidade era horrenda. Muito simples. Depois de ter passado pela capela eu não ia passar por um problema assim. Cada pedaço de granito tinha um pequeno corte nele, havia clipe de aço inoxidável colocado lá, e vedante foi colocado em cima. Não há razão para que uma manutenção razoável não pudesse ter mantido isso. Eu sou muito reticente sobre isso porque foi bem pensado, foi projetado, e se tornou um símbolo de tudo que era o CIAM. (NETSCH, 1997, p. 200, tradução nossa)

O projeto da biblioteca

Após Mies deixar a escola, em 1958, a SOM foi responsável por vários dos projetos lá executados na década de 1960. Myron Goldsmith, ex-aluno e discípulo de Mies, foi o escolhido da firma para projetar quatro edificações: *Life Sciences Building*, *Engineering I Building*, *Harold Leonard Stuart Building* e o edifício esportivo *Arthur Keating Hall*. Este último foi o único em que Myron não utilizou estritamente o típico vocabulário 'miesiano' visto no campus, optando pela vedação com um tipo de vidro fosco. Contudo, a SOM decidiu escolher



justamente Walter Netsch, arquiteto não ‘miesiano’ da firma, para projetar o *Herman Hall* e a biblioteca, dois dos edifícios centrais do projeto idealizado por Mies.

Em 1958, a *John Crerar Library*, que buscava um novo edifício que atendesse adequadamente as mudanças previstas para seu programa, aceitou o convite feito pelo IIT a respeito da sua transferência para o campus, e estudos começaram a ser realizados visando a construção do novo edifício (HENKLE, 1962). O programa da nova edificação deveria abrigar tanto a coleção da *Crerar Library*, conhecida por seu status de biblioteca pública e por servir estudantes e pesquisadores de diversas instituições, quanto a *James S. Kemper Library*, coleção do IIT nomeada em homenagem a um de seus principais financiadores.

A escolha de Netsch para ser o arquiteto responsável pelo projeto foi muito criticada, principalmente pelos seguidores de Mies. Contudo, Netsch acredita que foi justamente esta distância na linguagem projetual que o fez ser escolhido por Nathaniel Owings, sócio fundador da firma:

Eles confiaram a mim justamente por eu não ser um ‘miesiano’. Foi a única vez na minha vida em que realmente tive que ir e olhar para o trabalho de um outro arquiteto em detalhes. Eu não era um ‘miesiano’. Eu tive que olhar e ver como ele juntava os cantos. Como ele colocava uma janela e fazia tudo. Então, eu não necessariamente copiaria sua janela, mas eu não faria nada que fosse hostil. (NETSCH, 1997, p. 106, tradução nossa)

Como o *Crown Hall*, a edificação possui apenas dois pavimentos. O pavimento inferior, responsável por abrigar as coleções e arquivos, também é semienterrado, porém não possui janelas. As únicas aberturas são justamente a entrada principal, acessada através de uma escadaria ao nível da rua, e a entrada dos fundos. Desta forma, o segundo pavimento, caracterizado pelas vigas metálicas externas e as esquadrias inspiradas nos projetos de Mies para o campus, repousam em uma base de concreto aparente (Figura 3).



Figura 3: *John Crerar Library* em construção.
Fonte: Arquivo Fotográfico da *University of Chicago*.



Netsch compreendia que estava em uma posição delicada, aceitando o projeto poucos anos após a demissão de Mies.

Está correto. Eu realmente estava em águas infestadas de tubarões. Mas eu honestamente tive a confiança de que eu não estava trazendo meu idioma para o IIT. Eu não tinha intenção de fazer algo incompatível para os dois edifícios que Mies tinha planejado como o centro do campus. De jeito nenhum. Myron mais tarde fez o ginásio (Keating Sports Center). (...). Eu não acho que eles sejam mais marcantes do que os meus. (...). Sim, mas eles não eram tão simpáticos quanto os meus. Quero dizer, um deles, o ginásio, era um edifício com uma cortina de vidro, mas ele usou este vidro, vidro fosco, que os atletas odeiam. Eles não podem usar o prédio. Você olha para a luz e a bola bate na sua cara. (NETSCH, 1997, p. 110, tradução nossa)

Apesar de não ter conseguido criar um vão demasiadamente livre como o do *Crown Hall*, visto que as vigas externas se apoiam em diversos pilares internos, o edifício revela a tentativa de Netsch de se aproximar do trabalho Mies, unindo resquícios dos traços brutalistas do primeiro, com as soluções de vedação tão presentes nos outros edifícios concebidos pelo segundo. Quanto às críticas referentes ao uso do vidro espelhado, Netsch justifica que o fez como um tributo às edificações adjacentes, de modo que suas edificações iriam desaparecer entre os tijolos e a estrutura metálica dos edifícios projetados por Mies:

Ele sabia que eu seria sério. Ele sabia que eu faria em um espírito compreensivo. Foram os curadores que ergueram a minha biblioteca a um metro do chão porque eles não gostaram da ideia de talvez arriscar que a água atingisse os livros. E meu detalhamento não é copiado de Mies, mas é no espírito 'miesiano'. Eu acho que os prédios se saíram muito bem. Você vai lá e olha eles agora, eu estava na sala de jantar da faculdade, com vista para aquele pequeno pátio, e é realmente um espaço muito legal. Tenho certeza de que Bruce adoraria ter feito isso. Mas Nat Owings disse: "Nenhum aluno 'miesiano' vai fazer este edifício". Mies foi demitido. Nós fomos contratados e eu, infelizmente, consegui o emprego e fui odiado pelas pessoas. As pessoas me criticaram. Eles criticaram todos os detalhes nos primeiros cinco anos. O vidro espelhado, eles nunca entenderam porque eu estava fazendo isso. Eles não conseguiam entender ou aceitar a ideia de que eu estava honrando Mies. E assim, eu não conseguia fazer nada certo, mas os edifícios funcionaram bem. Eles certamente não desonraram o campus. (NETSCH, 1997, p. 109, tradução nossa)

As críticas ao projeto de Netsch vão desde o entendimento da base de concreto como uma barreira física ao edifício, tornando a entrada mais discreta, quanto à demasiada proximidade do desenho das esquadrias e vigas metálicas do pavimento superior com as obras de Mies. Um dos argumentos utilizados pelos críticos é o de que uma pessoa que não possui um conhecimento prévio, ao chegar ao campus, não consegue apreender que aquele não foi um edifício projetado por Mies. Realmente seria preferível Netsch ter explorado mais a sua própria linguagem projetual já vista na UIC, como fizeram Rem Koolhaas e Helmut Jahn anos depois no *McCormick Tribune Campus Center* e no *State Street Village*, respectivamente. Mas ora, muito mais próximos das famosas edificações prismáticas, vedadas com vidro e tijolo, estão os edifícios feitos por seus discípulos, como o *Stuart Building* e o *Engineering I Building*, por exemplo. Ainda assim, Myron, em entrevista também a Betty J. Blum alguns anos depois, demonstrou o dissabor pela escolha de Netsch para comandar o projeto da biblioteca:



É muito, muito interessante, temos que voltar a isso. Walter foi colocado como encarregado desses edifícios, Walter Netsch. Por que ele e não Bruce, que também era um parceiro de design, não está claro para mim. Walter fez a *Air Force Academy*, que seria, digamos, muito 'miesiana' em sua perspectiva. Alguém poderia esperar que continuasse assim. Eu acho que essa foi a ideia. Walter é um arquiteto muito talentoso. Essa parecia ser uma saída para o dilema, talvez uma desculpa. Nós não estávamos diretamente envolvidos nisso, poderíamos dizer que não iríamos tocá-lo. Mais tarde, claro, eu trabalhei em prédios no campus, a academia e algumas salas de aula, que eu tentei fazer 'no espírito' de Mies. No caso dos prédios de salas de aula, eles eram muito, muito perto dos outros edifícios no campus em aparência, a qual teria sido a intenção de Mies, que existisse um vocabulário singular com poucas exceções, como o *Crown Hall*. (GOLDSMITH, 2001, p. 118-119, tradução nossa)

A marquise e sua remoção instantânea

Em 1984, a *Crerar Library* se mudou para a *University of Chicago*, vendendo parte de sua coleção e seu espaço na biblioteca para o IIT, que a partir deste momento passa a ter controle total (LIBRARY..., 1984). Por conta desta mudança, surge a necessidade de adequações ao edifício, principalmente programáticas, visto que este funcionava até o momento de forma fragmentada, abrigando separadamente as duas coleções. Assim, a escola decidiu manter os documentos não circuláveis no pavimento inferior e dispor as estantes de livros no amplo espaço aberto do pavimento superior, para que os usuários pudessem acessar e buscar os títulos mais facilmente. Além disso, um novo e moderno sistema de catalogação deveria ser implantado. O edifício também ganharia novo nome – *Paul V. Galvin Library* – em homenagem ao fundador da Motorola (IIT..., 1985).

Para desenvolver o projeto foi escolhido o escritório local Mekus/Johnson, e este ficou a cargo do arquiteto Robert Nevel. Além das demandas solicitadas pela escola, foi trocado o carpete do pavimento superior, a cobertura foi reformada e janelas foram reparadas para a manutenção do isolamento térmico (WHAT..., 1985). O arquiteto propôs ainda adequações referentes à acessibilidade da entrada, implantada abaixo do nível da rua, um novo desenho para a pavimentação desta área e acréscimos na vegetação. O trabalho tinha tudo para ser apenas mais uma intervenção em um edifício de grande valor estético, e talvez ficasse conhecido apenas pelo desenho serpentino da praça criada para abrigar a nova rampa.

O arquiteto Robert Nevel estudou a relação da praça com a biblioteca e propôs: melhorias na acessibilidade à entrada do nível inferior; pavimentação de praça redesenhada e paisagismo aprimorado com árvores maiores e mais próximas em escala à força e massa da biblioteca. Talvez seja quando o projeto deveria ter sido concluído, quando os objetivos primários foram atingidos. Em vez disso, à moda do arquiteto, Nevel continuou a explorar a interação entre praça e biblioteca, concentrando mais atenção na própria entrada do prédio, que, sendo abaixo do nível e nivelada com a fachada, não tinha identidade e estava desprotegida. (HILL, 1985, p. 13, tradução nossa)

Contudo, buscando reforçar a relação de integração entre a praça e a entrada, estabelecer um novo foco ao acesso e proteger os usuários que entram ou saem do edifício carregando seus livros, Nevel decide também inserir uma marquise na entrada principal (Figura 4).

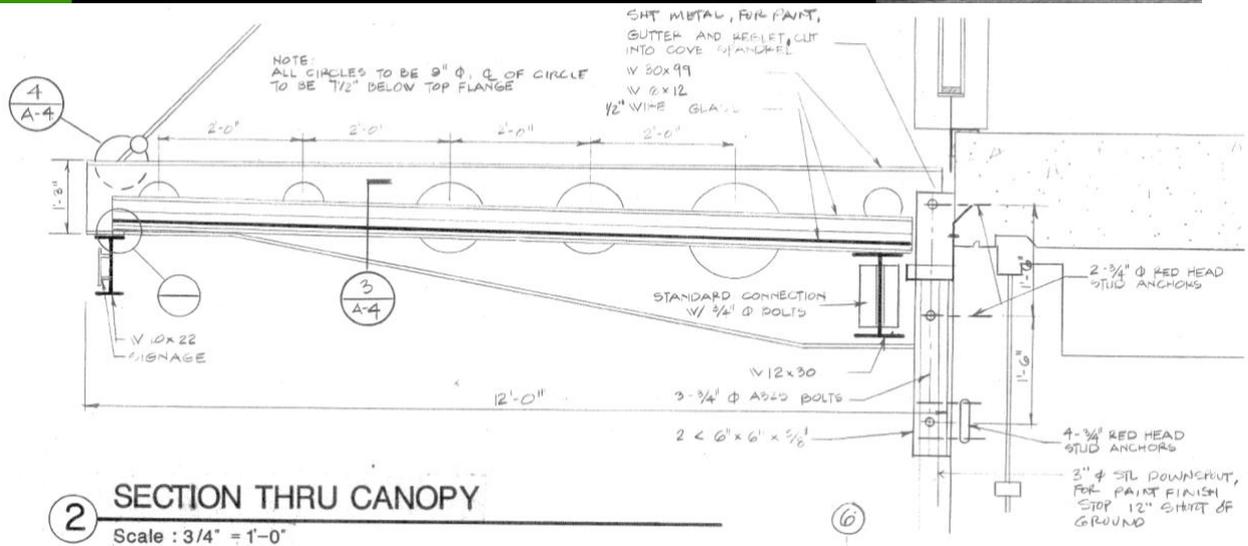


Figura 4: Detalhamento da marquise elaborado pela firma Mekus/Johnson.
Fonte: Arquivo do *Illinois Institute of Technology*.

Marquises eram elementos comuns nos arranha-céus projetados por Mies, como se pode ver no complexo *Federal Center* e no *IBM Building*, em Chicago, mas não em edifícios de um ou dois pavimentos. O grande embaraço, porém, está nas cores definidas para a estrutura metálica – vermelho, amarelo, azul, verde e branco (Figura 5):

Para adicionar "significado" a uma grande biblioteca universitária e "celebrar a rotina da entrada", a marquise foi pintada de vermelho, amarelo, azul, verde e branco. Contra o fundo de aço preto e agregado de concreto da biblioteca, a marquise era de fato altamente visível, neste caso, visível até demais. (HILL, 1985, p. 13, tradução nossa)



Figura 5: Entrada da biblioteca em obras.
Fonte: Arquivo do *Illinois Institute of Technology*.



O uso era justificável, o projeto seguiu os ritos normais da instituição e foi aprovado pelo diretor de Recursos Físicos, Dohn Mehlenbacher, com um custo estimado em 300 mil dólares (WHAT..., 1985). Todavia, a “marquise arco-íris”, como denominada pelos jornais da instituição naquele período, foi rapidamente removida após ser avistada pelo presidente da instituição, Thomas Martin, e pelo presidente da faculdade de arquitetura, George Schipporeit. Após o episódio, Thomas Martin assumiu, junto com Mehlenbacher, inteira reponsabilidade pelo erro, destacando que não era uma prática comum que os projetos passassem por análise da faculdade de arquitetura, mas que, no futuro, todos os projetos deste tipo passariam por sua própria aprovação (CANOPY..., 1986).

Além disso, Schipporeit, um ex-aluno de Mies, propõe agora uma revisão completa de todo o trabalho de construção no campus dentro do contexto do plano e design originais do campus, particularmente pelo IIT ter sido honrado como um dos “melhores trabalhos de arquitetura nos primeiros 200 anos dos Estados Unidos da América”, escolhido por um conjunto de profissionais, historiadores e críticos, e publicado em *Architecture*, a revista oficial do *American Institute of Architects* (AIA). (HILL, 1985, p. 13, tradução nossa)

O caso ganhou visibilidade e ocupou as páginas de jornais importantes, como o *Chicago Tribune* e o *The New York Times*. Nevel não teve a chance de defender a sua marquise, mas também nem precisava. A desarmonia da estrutura tanto com relação ao campus quanto ao edifício era tamanha, que se refletiu na célere remoção de sua criação. Não só pelas cores utilizadas, mas pelo próprio desenho com elementos circulares (Figura 6). Nevel, contudo, acreditava que seu desenho não era apenas estritamente ‘miesiano’, mas sim “o próximo nível ou outro nível. Não é uma imitação de Mies. Isso seria cópia obsoleta. Mas é dentro do vocabulário do campus original” (CHICAGO..., 1985, p.12, tradução nossa).



Figura 6: Robert Nevel protestando contra a retirada da sua marquise.
Fonte: CHICAGO..., 1985.



Em entrevista ao *Chicago Tribune*, Nevel afirmou que ouviu dos administradores da escola que a sua marquise seria mantida e pintada de preto, até que em uma reunião acalorada no escritório do presidente Thomas Martin, com a presença de Nevel, Schipporeit, arquitetos e funcionários da universidade, se decidiu pela remoção da estrutura. Não fosse já demasiadamente inusitada a situação, completamente insatisfeito com a atitude da escola, Nevel, com a anuência dos trabalhadores, subiu em sua marquise enquanto esta era removida (Figura 7), como um capitão que decide afundar com seu navio:

Acho que esse é o equivalente arquitetônico da queima de livros. Eles poderiam ter deixado tudo na entrada da biblioteca e dado a todos a chance de experimentar as mudanças ao longo de um período de tempo. É muito difícil ter o nosso orgulho e amor pelo projeto interrompidos desta forma. (ARCHITECT´S..., 1985, p.2, tradução nossa)

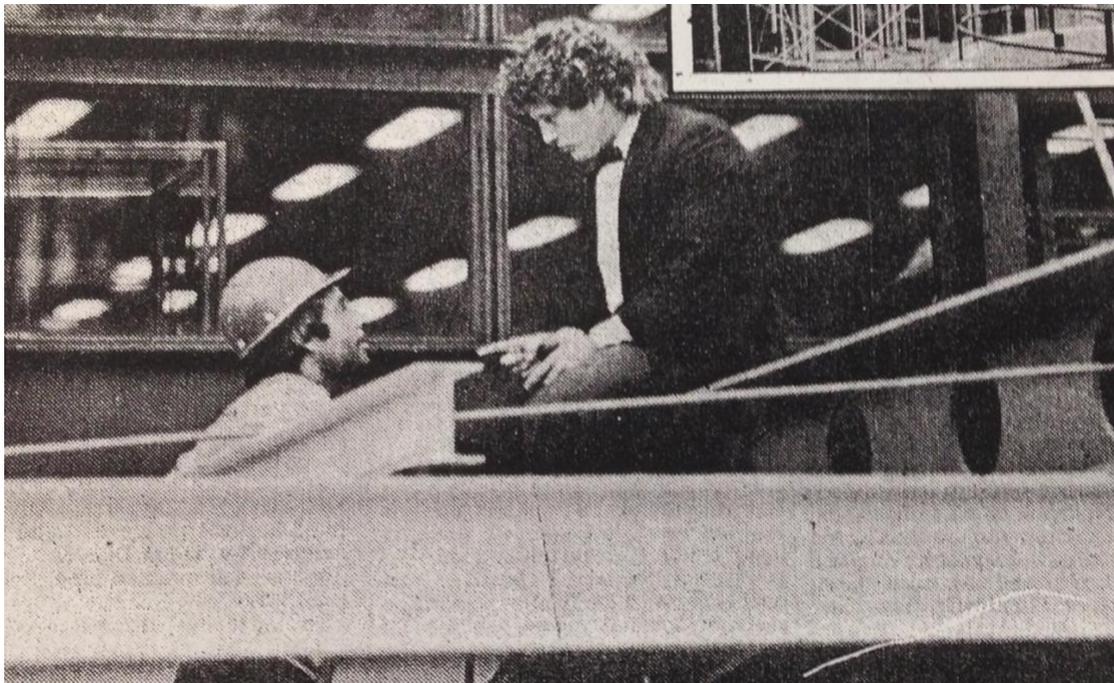


Figura 7: Robert Nevel sentado na marquise durante sua remoção.
Fonte: ILLINOIS..., 1985.

Entrevistado doze anos após a frustrada intervenção, Netsch afirmou que não foi consultado e que não fazia nem ideia da alteração enquanto esta ocorreu (NETSCH, 1997). Apesar de não ter participado do projeto e de ainda não conhecer pessoalmente as novas modificações, se mostrou favorável ao acréscimo da rampa e às alterações programáticas internas:

Bem, isso teve que ser feito por causa do *Disability Act*. Eu não vi a rampa. E também, era uma biblioteca dupla. Lembre-se, o IIT havia perdido uma coleção. A coleção Crerar foi para a *University of Chicago*. Quando o Crerar foi para a *University of Chicago*, teve que se reorganizar o interior. Eu não era um participante desta reorganização. (NETSCH, 1997, p. 111, tradução nossa)



Considerações finais

Os arquitetos estão acostumados a verem suas criações sendo erguidas, mas não demolidas. Nevel, durante a mesma semana, foi do êxtase ao ver seu projeto saindo do papel, à frustração com a retirada da marquise, ponto chave da sua concepção. A intervenção em si é legítima, parte da necessidade de um abrigo para os estudantes que chegam com seus livros, principalmente no período do inverno, quando a cidade sofre com as constantes nevascas.

O design da estrutura, caso refletisse as palavras de Nevel quando este diz que segue o vocabulário projetual visto no campus, seria menos questionável. Os vazios circulares do apoio lateral, contudo, em nada se relacionam com o trabalho de Mies. Mesmo assim, não foi este o motivo que ocasionou a remoção. Entendemos que o equívoco de Nevel se deu na escolha das cores, aparentemente feita de forma totalmente aleatória. Críticas a um demasiado preciosismo, com um certo tom de ironia por certo, foram feitas a este respeito, recomendando que da próxima vez as estruturas fossem pintadas de preto.

É evidente, todavia, que inovação não é o problema para inserções em um contexto como este. O *McCormick Tribune Campus Center*, projeto de Rem Koolhaas vencedor do concurso lançado pela universidade em 1997, e o *State Street Village*, projetado por Helmut Jahn e inaugurado em 2003, trouxeram linguagens projetuais excepcionais para o campus, bem diferentes do preexistente, mas sem deixar de prestar o devido respeito. Se consolidaram como marcos da universidade em um período de maior distanciamento histórico, quando já se constata uma compreensão mais profunda sobre as obras de Mies e Netsch. A intervenção de Nevel para a praça de entrada da biblioteca era efetiva, genuína, e talvez devesse ter parado por ali.



Referências

- ARCHITECT'S flair off-color on campus. **Chicago Tribune**, Chicago, 11 set. 1985.
- BENEVOLO, L. **História da Arquitetura Moderna**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. 816p.
- CANOPY update. **Technology News**, Illinois Institute of Technology, Chicago, 24 fev. 1986.
- CHICAGO school to dismantle its new canopy as un-Mies-like. **The New York Times**, New York, 11 set. 1985.
- CURTIS, W. J. R. **Modern Architecture Since 1900**. London: Phaidon Press, 1996. 736p.
- FRAMPTON, K. **Modern Architecture: a critical history**. 4. ed. London: Thames & Hudson, 2007. 424 p.
- GOLDSMITH, M. **Oral History of Myron Goldsmith**. Interviewed by Betty J. Blum, compiled under the auspices of the Chicago Architects Oral History Project, the Ernest R. Graham Study Center for Architectural Drawings. Chicago: The Art Institute of Chicago, 2001. 152 p.
- HENKLE, H. **The John Crerar Library and Plans for Its New Building**. College & Research Libraries, Chicago, 1962, v. 23 n. 5, p. 383-388.
- HILL, T. The End of the Rainbow. **Inland Architect**, Chicago, p. 12-13, nov./dez. 1985.
- IIT library dedicated as Paul V. Galvin Library. **INTERCOM**, Illinois Institute of Technology, Chicago, 20 set. 1985.
- ILLINOIS Institute Dismantles Canopy. **The New York Times**, New York, 12 set. 1985.
- LIBRARY improvements underway. **INTERCOM**, Illinois Institute of Technology, Chicago, 19 dez. 1984.
- NETSCH, W. **Oral History of Walter Netsch**. Interviewed by Betty J. Blum, compiled under the auspices of the Chicago Architects Oral History Project, the Ernest R. Graham Study Center for Architectural Drawings. Chicago: The Art Institute of Chicago, 1997. 474 p.
- SALVO, S. **A intervenção na arquitetura contemporânea como tema emergente do restauro**. Revista Pós, São Paulo, n. 23, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43564/47186>>. Acesso em: 12 mai. 2019.
- SCHULZE, F. **Illinois Institute of Technology: the campus guide: an architecture tour**. New York: Princeton Architectural Press, 2005. 111 p.
- WATKIN, D. **A History of Western Architecture**. 6. ed. London: Laurence King Publishing, 2015. 736 p.
- WHAT happened to the library. **Technology News**, Illinois Institute of Technology, Chicago, 16 set. 1985.